

“Valeu a pena e podemos fazer tudo de novo”

ALEXANDRE RIBONDI

Com um sorriso de otimismo, o superintendente do ParkShopping, que este ano foi a sede do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Joel Campanatti, prometeu: “Fariamos tudo de novo, porque valeu a pena”. Para muita gente, a declaração do superintendente vai ser uma surpresa, principalmente em vista da enxurrada de críticas que desabou sobre a festa, acusada de desorganização, falta de objetivos e frieza. Parte desta crítica culpou o local pelo desastre cinematográfico, e muitos lembraram que o Festival da capital da República deveria voltar para o seu lugar tradicional, o Cine Brasília.

Mas nem tudo foi tão desastroso assim. Para Joel Campanatti, “o Festival trouxe um público diferente ao ParkShopping e o ParkShopping deu um público diferente ao Cinema Brasileiro”. Isto, até certo ponto, é verdade. Nos últimos seis meses de atividades, as oito salas do Cine Park conseguiram uma média de 45 mil espectado-

res mensais. Em outubro, empurrada pela mostra competitiva, esta média subiu para exatos 57.191 pagantes, sem contar os 50 convites cedidos para cada uma das 12 sessões. No entanto, o mês do festival não conseguiu superar o período de férias de julho, que deu uma bilheteria de 114.545 espectadores. Prova irrefutável de que o grosso do público do cinema, no Brasil, situa-se entre os 15 e 25 anos, faixa etária que ainda se debate na conturbada zona da vida estudantil — e que o Festival não conseguiu atrair, nem mesmo com as suas sessões à tarde, quando, definitivamente, as salas ficavam entregues às moças.

Mesmo assim, o saldo foi positivo, a julgar pelo comentário comedido de Joel Campanatti: “Não foi tão ruim assim”. Em sua análise, “o cinema é uma das âncoras do ParkShopping e hoje somos sinônimo de cinema na cidade”. Mas ele faz críticas e, a primeira delas vai direto ao fato de o Festival ter dispensado as estrelas nacionais. Palavras de Campanatti: “Não veio uma Sonia Braga,



O superintendente do ParkShopping acha que o saldo foi positivo

uma Maitê Proença, uma Malu Mader. Elas poderiam ter vindo e colocado um biquíni na beira da piscina”. E ainda aproveitou a oportunidade para fazer uma ponderação mercadológica: “É impressionante como a embalagem faz o produto ser mais vendido”. Portanto, o superintendente acredita que os nomes das celebridades devem ser convocados com absoluta garantia de presença.

Outra crítica foi a qualidade dos filmes, coisa com que concorda a esmagadora maioria das pessoas que acompanharam o Festival de perto. Campanatti viu todos, ou quase todos: “Vi

pedaços de cada um e, para ser sincero, os temas não apresentaram grandes novidades. É preciso ter diretores mais experientes no ano que vem”.

Uma das sugestões de Campanatti para a próxima edição do Festival parece ir de encontro com os produtores interessados em alargar o mercado do cinema brasileiro: “Se não tivermos problemas com a data de estréia, poderemos começar a falar da festa com 45 dias de antecedência. Sugiro a criação de uma programação com o nome de Momento do

Festival, como houve o Momento Olímpico ou o Momento do Voto. Isto para a menção de filmes nacionais e aprenda que já temos uma história, com grandes feitos”. Entre essa é que o grande público pare de torcer o nariz diante de “grandes feitos”, Campanatti citou o sucesso internacional de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, filme a que torcem o nariz os participantes de qualquer Festival que se preze.

Apesar de entusiasmado com a participação da Fundação Cultural do Distrito Federal, que é, na verdade, mãe e pai do Festival de Brasília, o superintendente do ParkShopping faz uma pequena ressalva: “O maestro Marlos Nobre, diretor da FCDF, é um perfeccionista, que se entrega de corpo e alma ao projeto, mas, por isto, centraliza tudo”. Ainda teve tempo para compreender: “Acho que é porque ele quer que tudo dê certo”.

Finalmente, o ParkShopping está pronto para começar, na próxima semana, se for o caso, os preparativos do 22º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. “Mas isto vai depender do próximo Secretário de Cultura do Distrito Federal, do novo diretor da Fundação Cultural e das críticas, que estão sendo muito violentas”. Em resumo, o bis vai depender da vontade da comunidade brasiliense, que pode aproveitar a oportunidade para ver se tem força decisória e da instabilidade política nacional, que tira e põe nomes em cargos com a rapidez de quem troca de roupa.